

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZ E SOMBRA – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA
29 de dezembro de 2022 e 3 de janeiro de 2023

THE JUNIPER TREE / 1990

Um filme de Nietzchka Keene

Realização, Produção e Montagem: Nietzchka Keene / *Argumento:* Nietzchka Keene, baseada num conto dos Irmãos Grimm / *Direção de Fotografia:* Randolph Sellars / *Música:* Larry Lipkis / *Som:* Patrick Moyroud e Helgi Sveirrisson (assistente) / *Assistência de Produção:* Allison Powell / *Guarda-roupa:* Nanna Luisa Zophaniasdóttir / *Direção Artística:* Dominique Polain e Ólafur Engilbertsson (assistente) / *Interpretações:* Björk Guðmundsdóttir (Margit), Bryndís Petra Bragadóttir (Katla), Valdimar Örn Flygenring (Jóhann), Guðrún Gísladóttir (Mãe), Geirlaug Sunna Pormar (Jónas) / *Cópia:* DCP, a preto-e-branco, falado em inglês com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 78 minutos / *Estreia Mundial:* 10 de abril de 1990, Los Angeles, Califórnia / *Inédito Comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A produção de **The Juniper Tree** nasce de um interesse antigo da realizadora, também investigadora académica da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Nietzchka Keene, pela Islândia, em particular pela velha língua islandesa mas também pelo folclore muito particular deste país. Financiada por uma bolsa Fulbright, Keene visitou o país entre 1985 e 1986, com a intenção de realizar um filme nessa paisagem “lunar” que se baseasse em algum conto *folk* local. No entanto, o que ficou da Islândia são os atores e a sua paisagem singular, à época pouco explorada tanto pela indústria do turismo como pela de Hollywood. O conto que inspira Keene pertence aos alemães Irmãos Grimm e a língua falada é o inglês. Mas a atriz que coprotagoniza este conto fantástico aqui situado na Idade Medieval tornar-se-ia uma das principais – ou a principal – bandeira do seu país: uma muito jovem Björk, ainda a alguns anos do seu *breakthrough* internacional com o álbum *Debut*.

A presença dos atores é, de facto, importante, mas mais sugestiva ainda é a maneira como Keene enquadra a paisagem natural, em planos gerais que reduzem os atores ao tamanho de formigas. Citando um texto de Jean-Claude Biette, «Le papillon de Griffith» (*Cahiers du cinéma*, outubro de 1986), dir-se-ia que Keene aspira a pertencer, com este seu filme de estreia, à família de realizadores que “deixam a borboleta passar no plano”, isto é, em que o plano se abre a qualquer forma, muitas vezes imprevista, de “expressão do mundo”. É da natureza do próprio filme este “oferecimento” à realidade que encontra *in loco*, no caso, uma paisagem de singularíssima beleza. Apesar disso ou por causa disso, Keene evita fazer deste filme um cartão-postal, optando por um preto-e-branco pouco contrastado e austero, de tipo dreyeriano, que torna quase tudo o que é mostrado, e oferecido à contemplação, numa experiência estética algo áspera. Portanto, esta Natureza que sopra em muitos dos planos de Keene não se oferece como um refúgio fácil, nem para as personagens, nem para o espectador.

Keene adapta, na realidade, um duríssimo conto dos Irmãos Grimm (um dos favoritos da sua infância), concentrando-se menos na narrativa do que na criação de uma atmosfera rumorejante (as personagens sussurram mais do que falam entre si). A um certo ritmo lento da narração corresponde uma digestão difícil do drama que irrompe e condena as personagens. Desde o início desta história, sente-se a presença – o olhar pairante – da Morte: a mãe das duas irmãs, Margit e Katla, acusada de bruxaria, foi vítima da cólera popular, ao passo que o pequeno Jónas não para de pensar e falar da mãe desaparecida, cujo “lugar vazio” Katla vem ocupar ao se envolver com o pai do petiz, Jóhann.

Margit tem visões em que a sua mãe surge, de carne e osso, na paisagem. Os fantasmas e os vivos parecem ser feitos da mesma matéria, tirando partido Keene, na própria planificação deste filme, de um certo “estranhamento” da presença de Margit/Björk no drama, enquanto personagem “que vê”, alguém situado num qualquer ponto limiar entre a vida e a morte, uma mensageira da mãe-bruxa ou um anjo na Terra prometendo alguma forma de salvação num mundo votado à danação. Talvez seja esta presença-ausência dos vivos e ausência-presença dos mortos o elemento mais interessante nesta obra dramaturgicamente tépida e plasticamente ascética, dividida entre o desejo de mostrar uma paisagem, convertendo-a numa personagem por direito próprio, e a necessidade de fazer justiça à moral, ao tempo e à “fantasia” da sua história vagamente alegórica que nunca ganha volume ou um verdadeiro corpo.

Luís Mendonça